



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

Relatório de Estágio Pedagógico

Agrupamento de Escolas do Fundão

Ana Rita Araújo de Brito

Relatório para obtenção do Grau de Mestre em
Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Júlio Manuel Cardoso Martins

Covilhã, Junho de 2013

A ti, que sei que, estejas onde estiveres, me guiarás sempre.

Avô

Agradecimentos

“Agradeço todas as dificuldades que enfrentei, se não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades nos impedem de caminhar. Mesmo as críticas nos auxiliam muito.”

Chico Xavier

Durante mais uma etapa da minha vida, foram muitos os que me ampararam e auxiliaram no cumprimento de objetivos para que a finalização desta fosse possível.

Deste modo, não é demais prestar aqui uma pequena homenagem a todos os que se preocuparam com o meu bem estar e crescimento, quer a nível pessoal, quer a nível académico.

Ao Professor Doutor Júlio Martins, orientador deste projeto, por todo o seu apoio prestado na orientação e pela transmissão de conhecimentos ao longo destes dois anos.

Ao Professor orientador Luís Moreira, por toda a confiança depositada, simpatia e pela transmissão de todos os seus conhecimentos relativos à prática pedagógica, embora, infelizmente, nem sempre no melhor momento da sua vida.

À Professora Ana Margarida, por toda a ajuda prestada na componente da direção de turma, pela sua simpatia e por toda a disponibilidade oferecida.

A todos os professores de Educação Física do Agrupamento de Escolas do Fundão, nomeadamente, António Belo, Clara Barbosa, Marco Mesquita, Marco Leite, Rafael Guerreiro e Júlio Gonçalves, pela simpatia, companheirismo e disponibilidade demonstrada perante qualquer dúvida surgida no decorrer deste estágio.

Aos meus colegas de estágio, Andreia Pereira, Bruno Ribeiro, Cátia Ferreira e Inês Fernandes, pela amizade, críticas e sugestões apontadas durante todo o percurso de estágio e por todos os momentos de diversão passados que, certamente, recordarei.

Aos meus amigos de faculdade, nomeadamente, Andrew Ferreira, Bruno Ribeiro, Cátia Ferreira, João Rodrigues e Pedro Neves que, ao fim de cinco anos, demonstraram sempre um grande companheirismo e amizade, mantendo-se sempre ao meu lado e apoiando-me sempre que encontrava dificuldades, quer a nível pessoal, quer a nível da concretização deste estágio, dando-me sempre força para seguir em frente.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, pela educação e formação que me proporcionaram e por fazerem mais um pequeno grande esforço para que esta oportunidade se tornasse numa realidade.

À minha avó, que se demonstrou sempre preocupada e me apoiou sempre, dando-me força ao longo deste percurso.

Ao meu irmão e à minha sobrinha, por todo o amor que lhes deposito e por serem uma das melhores motivações que tenho na vida.

A todos eles um enorme OBRIGADA!

Resumo

Capítulo 1

Neste capítulo encontra-se sintetizado todo um ano letivo, 2012/2013, de trabalho desenvolvido durante o estágio pedagógico realizado no Agrupamento de Escolas do Fundão, orientado pelo professor Luís Moreira. Este estágio pedagógico resultou numa experiência indispensável contribuindo bastante para o meu crescimento profissional, pessoal e social, proporcionando-me vivências reais daquilo que é o contexto escolar e o processo de ensino-aprendizagem.

Inicialmente, encontram-se apresentados os objetivos e expectativas que pretendo alcançar com esta nova experiência e, para além destes, exponho também os objetivos estipulados pelo Grupo de Educação Física e pelo Agrupamento, bem como uma breve caracterização do mesmo. Seguidamente, fiz referência às tarefas que tive de exercer enquanto aluna estagiária, sendo que exponho como foi realizado todo o processo de lecionação, considerando que lecionei a turma do 11º GPI, pertencente a um curso profissional. Para além disto, também colaborei na Direção de Turma da mesma turma já referida, durante todo o ano letivo e, também, fui responsável pelo treino do Desporto Escolar na modalidade de Ginástica rítmica e artística. Em forma de conclusão, é realizada uma reflexão, quer da lecionação, quer do estágio em geral, focando as dificuldades sentidas e ultrapassadas, bem como os aspetos positivos desta experiência.

Palavras-chave: Aprendizagem, Aluno, Educação Física, Escola, Estágio, Ensino, Professor, Planeamento

Capítulo 2

O objetivo do presente estudo é perceber qual a influência da avaliação na motivação dos alunos do ensino secundário nas aulas de Educação Física, relativamente ao género e à área científica dos mesmos. Participaram no estudo 185 alunos, de 10º e 12º ano de escolaridade, pertencentes ao Agrupamento de Escolas do Fundão. Para a recolha de dados foi utilizado um questionário de questões fechadas, de escala de Likert, adaptado de Kopal (1996). Na análise descritiva dos dados foram utilizados a frequência, os valores médios, os valores de desvio padrão e aplicou-se o teste t de student e o teste Alpha de Cronbach. Os resultados não apresentaram associação significativa relativamente ao ano de escolaridade, género e área científica. Conclui-se que os alunos, apesar da nova legislação, continuam a estar motivados nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física, alunos, motivação, avaliação

Abstract

Chapter 1

In this chapter is summarized an entire school year 2012/2013 of work during internship in Agrupamento de Escolas do Fundão, supervised by Professor Luís Moreira. This internship resulted in a essential experience contributing enough to my professional, personal and social growth, giving me real experiences of what is the school context and the teaching-learning context.

Initially, are presented the goals and expectations that I want to achieve with this new experience and, besides these, also the targets set by the Schools Group and of the Physical Education group will be addressed. Then, are referenced the tasks I had to accomplish as a trainee, and expose how was all the teaching process considering that I taught a class of 11th grade, belonging to a professional class. In addition, I also collaborated in the tasks of class tutor of the same class already mentioned throughout the school year and in the training of school sports in the form of rhythmic and artistic gymnastics. Finally, in this chapter, is presented a reflection of the teaching and of the internship in general, focusing on the difficulties encountered and overcome, as well as the positive aspects of this experience.

Keywords: Learning, Physical Education, School, Student, Internship, Teaching, Teacher Planning

Chapter 2

The aim of this study is to understand the influence of evaluation on motivation of secondary school students in Physical Education classes, in relation to gender and the scientific area. The subjects who participated in this study were 185 students of 10th and 12th grades belonging to the Group of Schools of Fundão. For data collection we used a questionnaire of close questions (Likert scale) adapted from Kobal (1996). In the descriptive analysis of the data we used the frequency, mean, standard deviation values and applied the Student t test and Cronbach Alpha test. The results did not show meaningful association between gender, age, grade and scientific area. It is concluded that students, despite the new legislation, continue to be motivated in physical education classes.

Keywords: Physical Education, students, motivation, evaluation

Índice

Capítulo 1	1
1. Introdução	1
2. Objetivos.....	2
2.1. Objetivos do Estagiário	2
2.2. Objetivos da Escola	2
2.3. Objetivos do Grupo de Educação Física	3
3. Metodologia	4
3.1. Caracterização da Escola.....	4
3.2. Lecionação	4
3.2.1. Amostra	5
3.2.2. Planeamento.....	6
3.3. Recursos Humanos	12
3.4. Recursos Materiais	13
3.5. Direção de Turma.....	14
3.6. Atividades não letivas.....	15
3.6.1. Atividades do Grupo Disciplinar	15
3.6.2. Atividades do Grupo de Estágio	19
4. Reflexão.....	21
5. Considerações Finais	22
6. Referências Bibliográficas	23
Capítulo 2 (Seminário de Investigação em Ciências do Desporto)	25
1. Introdução	25
2. Metodologia	28
2.1. Amostra.....	28
2.2. Instrumentos.....	28
2.3. Procedimentos	29
3. Apresentação e Discussão dos Resultados	30
4. Conclusões.....	36
5. Referências Bibliográficas	37

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Conteúdos Programáticos Curso Profissional	9
Tabela 2 - Espaços Interiores	13
Tabela 3 - Espaços geridos pelos diferentes departamentos.....	14
Tabela 4 - Resultados da comparação entre anos de escolaridade, referente à avaliação de EF	31
Tabela 5 - Resultados da comparação entre géneros, referente à avaliação de EF	32
Tabela 6 - Resultados da comparação entre áreas científicas, referente à avaliação de EF ..	34

Lista de Acrónimos

AEF: Agrupamento de Escolas do Fundão
AF: Atividade Física
ASE: Ação Social Escolar
CD: Ciências do Desporto
CEF: Cursos de Educação e Formação
CET: Cursos de Educação Tecnológica
CP: Cursos Profissionais
DE: Desporto Escolar
DT: Diretor de Turma/Diretores de Turma
EE: Encarregados de Educação
EF: Educação Física
EFA: Cursos Educação e Formação Adultos
EP: Estágio Pedagógico
ESF: Escola Secundária do Fundão
GPI: Gestão e Programação de Sistemas Informáticos
MEC: Ministério da Educação e Ciência
NEE: Necessidades Educativas Especiais
PA: Plano Anual
PCA: Percorso Curricular Alternativo
PCT: Plano Curricular de Turma
PDE: Programa do Desporto Escolar
PNEF: Programa Nacional de Educação Física
SASE: Serviço de Ação Social Escolar
UD: Unidade Didática
UBI: Universidade da Beira Interior

Capítulo 1

1. Introdução

Este relatório constitui um epítome relativo a um ano de estágio pedagógico no Agrupamento de Escolas do Fundão, com o propósito de finalizar o 2º ciclo de estudos conducente a grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

O estágio pedagógico constitui um meio de inserir os mestrandos no ato pedagógico, assumindo o papel de docentes que promovem o desenvolvimento humano, a transmissão de conhecimentos, o autodesenvolvimento humano, ou seja, o autodesenvolvimento pessoal (Patrício, 1994). Com o objetivo de formar profissionais competentes, este estágio passa por transmitir os conhecimentos e competências prático-pedagógicas necessários e, para além disto, procura incutir o “ensino de qualidade” que não se manifesta apenas na matéria ou tarefa que se transmite, mas estende-se a outros valores, inerentes a um ensino motivado e de prazer (Sarmiento, 2004).

Segundo Siedentop (2004), os professores aprendem a ensinar eficazmente realizando as suas experiências e recebendo feedbacks adequados aos seus próprios resultados obtidos e aos dos seus alunos. Assim, é de evidenciar que aquilo que fazem os professores e como o fazem é muito importante, mas a verdadeira qualidade da pedagogia encontra-se na maneira como se influencia os alunos (Siedentop, 2004).

Deste modo, inseridos neste estágio, será possível perceber quais as principais dificuldades na lecionação, partindo da observação e experimentação do papel de professor.

A observação é, sem dúvida, um instrumento importante, se não o mais importante, no âmbito da atividade física, cujas fronteiras (inter)disciplinares se verificam nas reações do professor relativamente à prestação do aluno, enfatizando, assim, a capacidade de ver e avaliar o aluno (Sarmiento, 2004).

Esta etapa curricular será abordada com mais pormenor, apresentando todas as tarefas desenvolvidas no estágio, no Capítulo 1. Neste serão abordados os objetivos do estagiário, da escola e do grupo de Educação Física; a caracterização da organização onde foi realizado o estágio, bem como das turmas lecionadas, fazendo referência ao processo de lecionação; recursos materiais e humanos disponíveis; a participação na Direção de Turma, nas atividades não letivas, do grupo disciplinar e do grupo de estágio; por fim, será realizada uma reflexão acerca desta experiência, revelando quais os pontos positivos e negativos encontrados.

2. Objetivos

2.1. Objetivos do Estagiário

Durante este período de lecionação e, simultaneamente, de aprendizagem, espero adquirir as competências essenciais para, futuramente, tornar-me uma profissional competente nesta área.

Deste modo, e atendendo às minhas expectativas, espero conseguir reforçar o meu conhecimento académico face à realidade que é o contexto escolar, sendo este impulsionado pelo professor orientador de estágio, Luís Moreira.

Outro objetivo, agora relativo à minha função enquanto educando, será analisar as evoluções a nível físico, motor, cognitivo e sócio-afetivo dos alunos face à minha intervenção nas aulas e, conseqüentemente, conseguir intervir adequadamente aquando encarada com situações problemáticas.

Para além disto, espero conseguir compreender a realidade que se encontra por trás da entidade escolar, toda a sua dinâmica e tudo aquilo que é necessário para o seu bom funcionamento, participando em reuniões, estabelecendo contacto com EE e auxiliando, sempre que me seja solicitado, na resolução de problemas.

2.2. Objetivos da Escola

Apoiando-me no Projeto Educativo da Escola Secundária do Fundão, pois ainda não foram regularizados os dados relativos ao AEF, esta organização apresenta objetivos claramente bem delineados, intervenientes nas diferentes dimensões: Dimensão Curricular, Dimensão Social e Comunitária e Dimensão Organizacional e Logística.

Relativamente à primeira dimensão, focada no sucesso dos alunos, tem-se como objetivo a diminuição da taxa de retenção e abandono escolar e, conseqüentemente, o aumento do sucesso escolar, desenvolvendo o processo de ensino-aprendizagem, bem como as competências básicas exigidas pela sociedade atual.

Na segunda dimensão, o objetivo centra-se em valorizar o envolvimento da comunidade educativa.

Finalmente, a terceira dimensão, que contempla os órgãos e serviços, os critérios de funcionamento e as competências dos vários intervenientes, tem como objetivo melhorar os recursos já existentes e assegurar que exista apoio de outros agentes externos.

Deste modo, a organização poderá tornar-se numa escola de referência, quer a nível do concelho, quer a nível regional.

2.3. Objetivos do Grupo de Educação Física

Considerando que a escola não possui um programa específico, o grupo de EF rege-se pelo Programa Nacional de Educação Física (Jacinto et al. 2001). Deste modo, são definidos quatro pontos essenciais relativos à conceção de participação dos alunos:

- Garantir uma atividade física corretamente motivada, sendo esta qualitativamente adequada e quantitativamente suficiente, indicada pelo tempo de prática nas situações de aprendizagem, ou seja, no treino e descoberta de possibilidades de aperfeiçoamento pessoal e dos colegas, e numa perspetiva de educação para a saúde;

- Promover a autonomia pela atribuição, reconhecimento e exigência de responsabilidades efetivas aos alunos, nos problemas de organização e de tratamento das matérias que podem ser assumidos e resolvidos por eles;

- Valorizar a criatividade através da promoção e aceitação da iniciativa dos alunos, orientando-a para o aumento da qualidade do seu empenho e dos efeitos positivos das atividades;

- Orientar a sociabilidade de forma a existir uma cooperação permanente entre os alunos, associando-a não só à melhoria da qualidade das prestações, especialmente em situações de competição entre equipas, mas também ao clima relacional favorável ao aperfeiçoamento pessoal e ao prazer proporcionado pelas atividades.

Para além destes aspetos, estão ainda formulados alguns objetivos fundamentais que devem ser cumpridos pelo professor de EF aquando a sua atuação:

- Melhorar a aptidão física, aumentando as capacidades físicas de forma coerente e adequada às necessidades de desenvolvimento do aluno;

- Promover a aprendizagem de conhecimentos relativos aos processos de desenvolvimento e manutenção das capacidades físicas;

- Assegurar a aprendizagem de um conjunto de matérias representativas das diferentes atividades físicas, permitindo o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno, através da prática de:

- Atividades físicas desportivas nas suas dimensões técnica, tática, regular e organizativa;

- Atividades físicas expressivas (danças), nas suas dimensões de técnica e de interpretação;

- Jogos tradicionais e populares;

- Promover o gosto pela prática regular de atividade física e assegurar a compreensão da importância desta como fator de saúde e componente da cultura nas dimensões individual e social;

- Promover a criação de hábitos, atitudes e conhecimentos relativos à interpretação e participação nas estruturas sociais, no seio dos quais se desenvolvem as atividades físicas, valorizando:

- A iniciativa e a responsabilidade pessoal, a cooperação e a solidariedade;
- A ética desportiva;
- A higiene e segurança pessoal e coletiva;
- A consciência cívica na preservação de condições de realização das atividades físicas em especial da qualidade do ambiente.

3. Metodologia

3.1. Caracterização da Escola

O AEF foi formado este ano letivo, sendo assim composto por quatro jardins-de-infância, oito escolas de 1º ciclo, a escola EB23 João Franco e a Escola Secundária do Fundão. Situada na cidade do Fundão, distrito de Castelo Branco, a AEF engloba as freguesias de Alcaria, Capinha, Enxames, Fatela, Pêrovisu, Salgueiro, Santa Teresinha, Valverde e Fundão. O meio em que se encontra inserido é social e economicamente desfavorecido quando comparado com a média nacional.

Segundo o Projeto Educativo da Escola Secundária do Fundão (ESF) elaborado em 2009, esta oferece um leque de ofertas através de Cursos de Educação e Formação (CEF), Cursos de Educação e Formação Adultos (EFA), Cursos de Educação Tecnológica (CET), Cursos Profissionais (CP), Cursos Científico Humanísticos e Cursos Tecnológicos. Esta grande oferta educativa tem como objetivo a diminuição da taxa de abandono escolar, permitindo que exista um melhor desenvolvimento educativo dos alunos que parte, não só destes, mas também de toda a comunidade educativa, como o pessoal docente e não docente e pais/EE.

Como missão, a ESF pretende centrar-se nos alunos, orientando assim a sua atividade de uma forma participada e diversificada.

3.2. Lecionação

No início do ano letivo foram atribuídas sete turmas ao professor orientador Luís Moreira, sendo três turmas de 2º ciclo, 5ªA, 5ºC e 5ºD, duas do ensino básico, sendo uma de percurso alternativo, 9ºG, e outra um CEF, e duas turmas de ensino secundário, sendo uma de Línguas e Humanidades, 12º LH, e outra de ensino profissional, 11º GPI.

As turmas foram escolhidas aleatoriamente, sendo que cada estagiário ficou responsável por uma turma e as restantes continuaram ao encargo do professor orientador.

Inicialmente, no 1º e 2º períodos, cada estagiário planeava e lecionava todas as aulas da turma correspondente, ou seja, ficariam inteiramente responsáveis por todo processo ensino-aprendizagem da turma, sendo que os restantes colegas poderiam auxiliar sempre que

o responsável pela turma ou o professor orientador achasse pertinente. Contudo, no 3º período o professor orientador achou importante que cada um dos estagiários experienciasse lecionar uma semana de aulas sem qualquer apoio dos colegas. Isto para que o estagiário sentisse o que é, na realidade, ter à sua responsabilidade um horário completo, com diferentes níveis escolares, e, conseqüentemente, diferentes níveis de aprendizagem em diferentes contextos.

3.2.1. Amostra

3.2.1.1. Caracterização da turma 11º GPI

A caracterização de uma turma é algo que deve ser percebido pelo professor como um fator de extrema importância. Deve existir um prévio conhecimento acerca do contexto que envolve o aluno, podendo existir fatores que, não dependendo do professor, poderão afetar o desempenho escolar do aluno, merecendo, assim, uma especial atenção. Fatores como o nível escolar ou o estatuto socioeconómico, poderão influenciar as condições de ensino (Siedentop, D. 2008).

A turma pela qual fiquei responsável foi o 11ºGPI, pertencendo esta a um curso profissional de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos.

O curso profissional funciona de uma forma particular relativamente ao ensino secundário regular, sendo caracterizado por promover uma aprendizagem de competências viradas para o exercício de uma profissão, em termos de avaliação é um curso com avaliação modular (0 a 20 valores), com critérios distintos e devem ser utilizadas metodologias que promovam o trabalho cooperativo, atividades centradas nos alunos (evitando aulas expositivas), substituição do tradicional teste por testes de curta duração e a realização de trabalhos deve conter uma componente de exposição oral à turma. Relativamente à disciplina de EF, esta possui um programa ajustado, visando corresponder a contornos específicos da disciplina no contexto de curso profissional que exige organização modular e uma menor carga horária relativamente aos restantes cursos de nível secundário (90min por semana).

A turma, 11ºGPI, é composta, no total, por vinte alunos, todos do género masculino, dos quais apenas dezanove frequentavam as aulas de EF. É uma turma onde a média de idades é de 17 anos, com um desvio padrão de 0,85. Relativamente ao estatuto socioeconómico, cinco dos alunos possuem escalão B e dois possuem escalão A. Um dos alunos possui défice de atenção, pelo que, em determinados momentos, encontrava-se medicado e exigia uma maior atenção por parte do docente, de forma a denotar algum tipo de alteração no nível de atenção do aluno. Todos eles frequentavam a ESF no ano anterior e todos eles já repetiram de ano, pelo menos uma vez, nos anos precedentes ao início do curso profissional.

Para além disto, é uma turma que se caracteriza por possuir um grande défice de atenção/concentração, com poucos ou nenhuns hábitos de trabalho e, conseqüentemente,

uma turma com um baixo grau de motivação. Nas aulas de EF, isto denota-se nos comportamentos pouco maduros para o foco de idades que possui a turma, causando, grande parte das vezes, dificuldades na lecionação. Relativamente às aptidões motoras para a prática das diferentes modalidades, a turma encontra-se num nível médio, havendo determinadas modalidades que se denotava com clareza mais empenho por parte dos alunos, nomeadamente desportos coletivos como o basquetebol, e outras que se verificava uma grande desmotivação e pouca destreza por parte de alguns alunos, como a modalidade de ginástica de solo.

3.2.2. Planeamento

“Não se podem formular planos e designar processos metodológicos sem compreendermos como ocorre a aprendizagem e quais os fatores que os influenciam prioritariamente.”

Singer & Dick (1980)

A intervenção pedagógica representa o grande desafio do professor no processo ensino-aprendizagem e, portanto, torna-se importante perceber os fatores que influenciam todo este processo e ser capazes de desenvolver as competências necessárias para o mesmo.

Assim, será abordada a sistematização de Siedentop que engloba as técnicas de ensino: instrução, gestão, clima, disciplina e planeamento.

Segundo Siedentop (1991), a instrução pode ser definida como um conjunto de comportamentos assumidos pelo professor que servem para transmitir informação substantiva, fazendo parte dela os comportamentos verbais e não verbais que se encontram intimamente relacionados com os objetivos da aprendizagem. Deste modo, é importante transmitir informação de qualidade e pertinente, diminuindo o tempo de explicação, realizando sempre preleções sucintas, focadas e significativas e, sempre que possível, demonstrar o elemento que se vai trabalhar.

Sendo que todas as reações do professor têm influência nos alunos e o papel do professor deve ser o de ajudar o aluno a tomar consciência da sua realização, os feedbacks representam também uma informação concernente a uma resposta que se utilizará para modificar a resposta seguinte, proporcionando aos alunos uma informação significativa dos seus resultados e desempenho (Siedentop, 2008).

Assim, os alunos dedicam grande parte do seu tempo a receber informação, a esperar pelo tempo de uma atividade e a organizar-se (Siedentop, 2008). Mas, segundo Rosado, citado por Martins (2009), o tempo não é elástico.

Para que exista uma boa gestão de tempo é necessário que o tempo de instrução seja reduzido ao mínimo; manter o fluxo da aula; organizar e gerir as tarefas da aula, bem como controlar mais que uma atividade ao mesmo tempo, diminuindo assim os tempos de espera e controlar de forma constante a atividade, gerindo de forma eficaz o tempo de aula.

Para que toda uma aula se desenvolva da melhor maneira é necessário que se crie um bom clima. Este é definido por Martins (2009) como todo o comportamento, quer verbal, quer não verbal, que concebe uma atmosfera em que o relacionamento professor/aluno e aluno/aluno se desenrola. Assim, é importante focarmo-nos em promover valores como a igualdade, a responsabilidade e os comportamentos de socialização (cooperação, respeito, partilha...). Para além disto, é nosso dever como professor, mostrar entusiasmo pela matéria e trabalho desenvolvido pelos alunos, mostrar disponibilidade, interagir face a comportamentos significativos e interagir relativamente a aspetos não escolares.

Segundo Rosado (1990), a capacidade de manter uma boa disciplina é sentida pelos professores, pelos pais e pelas autoridades escolares, como um critério fundamental da eficácia de atuação dos professores, sendo esta entendida como responsabilidade profissional. A disciplina é a diferença existente entre o comportamento apropriado e o comportamento inapropriado, devendo ser, antes de mais, definido o que não pode ser feito, ou seja, estabelecer regras de comportamento. Deste modo, sempre que são detetados comportamentos inapropriados, o professor deve ser capaz de ignorar quando possível; dissuadir com eficácia, ou seja, repreender de forma clara e direta, com firmeza e dureza no momento certo; usar estratégias de punição eficazes e específicas, compensando o bom comportamento e obrigando a realizar o comportamento correto. Uma boa disciplina irá, consequentemente, favorecer o clima, a gestão e a instrução da aula.

Planeamento é definido por Sousa (1991) como um instrumento que facilita as tomadas de decisão por parte do docente, tendo como principais objetivos a previsão, a racionalização e a eficácia do processo de ensino.

O planeamento deve ser um método de reflexão que auxilie o docente nas estratégias que este deve utilizar de modo a alcançar os objetivos, devendo conter uma ordem progressiva. Assim, devido aos demais contextos integrantes da escola, este deve explicar princípios, diretrizes e procedimentos da aula que assegurem a articulação dos mesmos. Para além disto, deve possuir flexibilidade no decorrer do ano letivo, pois podem sempre surgir imprevistos (Libanêo, 1994).

Neste sentido, foram realizados diversos planeamentos, seguidamente apresentados, sendo que alguns deles constam em anexo:

Planeamento a longo prazo:

- Calendário Escolar (Anexo 1);
- Plano Anual (PA) de turma: contendo as datas de cada Unidade Didática (Anexo 2);
- Rotações do pavilhão: permitindo verificar qual o espaço que cada professor ocupa ao longo do ano letivo;

Planeamento a médio prazo:

- Unidades Didáticas (UD): contendo a data e o número de aulas, objetivos específicos e objetivos gerais da modalidade, existindo um exemplo no Anexo 3;

Planeamento a curto prazo:

- Planos de aula: elaborado para cada aula, contendo os exercícios e a sua organização, os objetivos comportamentais exigidos e o material necessário, tendo como documento orientador a UD, existindo um exemplo no Anexo 4.

Para a realização destes planeamentos teve de se ter em consideração determinados aspetos como o número de aulas de EF no ano letivo, o número de aulas de EF por módulo, quais os espaços destinados a determinada aula, quais os recursos materiais disponíveis e qual o tempo útil de cada aula.

3.2.2.1. Planeamento da Turma 11º GPI

O modelo curricular dos cursos profissionais exige que as disciplinas se organizem por módulos. Assim, é definido pelo ME, as áreas de extensão estruturadas para a EF distribuídas ao longo dos três anos do curso, sendo elas:

- A- Jogos Desportivos Coletivos (andebol, basquetebol, futebol, voleibol) - 3 módulos;
- B- Ginástica (solo, aparelhos, acrobática) - 3 módulos;
- C- Outras Atividades Físicas Desportivas (atletismo, raquetas, patinagem) - 2 módulos;
- D- Atividades de Exploração da Natureza - 1 módulo;
- E- Dança (danças sociais, danças tradicionais portuguesas) - 3 módulos;
- F- Desenvolvimento das Capacidades Motoras Condicionais e Coordenativas - 1 módulo;
- G- Conhecimentos sobre o Desenvolvimento da Condição Física e Contextos onde se realizam as Atividades Físicas - 3 módulos.

Estas áreas são lecionadas ao longo dos três anos, sendo o conteúdo de cada uma das matérias especificadas em três níveis: introdução, isto é a preparação base; elementar, ou seja, a matéria nos seus elementos principais, possuindo um carácter mais formal e um nível avançado, que constitui os conteúdos e formas de participação nas situações típicas da atividade referente.

Na tabela seguinte está explícita a distribuição destas áreas, bem como o nível correspondente, ao longo dos três anos.

Tabela 1 - Conteúdos Programáticos Curso Profissional

Ensino Profissional			1º Ano	2º Ano	3º Ano
Actividades Físicas Desportivas	JOGOS DESPORTIVOS COLECTIVOS	Futsal	Introdução num JDC	Introdução noutro JDC	Nível Elementar num dos JDC introduzido
		Voleibol			
		Basquetebol			
		Andebol			
	GINÁSTICA	Solo	Introdução	Elementar	-
		Aparelhos	Introdução num Aparelho	Introd. noutro Ap.	-
		Acrobática	-	-	Introdução
	OUTRAS ACTIVIDADES FÍSICAS	Atletismo	Introdução	Elementar	-
		Raquetas			
		Patinagem			
	DANÇA	Dança	Introdução num Dança	Introdução noutra	Nível Elementar
	A. F. C. S	Act. Fis. Cont. Saúde	I	II	III
	APT. FÍSICA	Aptidão Física	I a	II b	III c
	ACT. EXP. NAT	Orientação	-	-	Introdução

De acordo com a tabela 2, neste ano letivo para a turma do 11º GPI, sabendo quais as modalidades abordadas no ano anterior, optei por:

- Área dos Jogos Desportos Coletivos, a modalidade de basquetebol;
- Área da Ginástica, a modalidade de ginástica de solo e como aparelho a barra fixa;
- Área de Outras Atividades Físicas, o badminton;
- Área da Dança, compilação de diferentes estilos de dança;

Na área de AFCS foi proposta a realização de um trabalho escrito, com posterior apresentação à turma, com opção de escolha dos temas: Fadiga Muscular, Fontes Energéticas, Desporto vs. EF e Dimensão Cultural das Atividades Físicas.

Na área de Aptidão Física são considerados todos os testes de Fitnessgram realizados ao longo do ano, sendo aplicados por período cinco testes:

- Testes de aptidão muscular: teste de força abdominal, teste de força dos MS, teste de flexibilidade do tronco e teste de flexibilidade dos MI;
- Teste de aptidão aeróbia: corrida da milha.

Esta área, apesar de ser avaliada todos os anos, apenas possui uma avaliação modular final no 3º ano do curso, sendo que aí será realizada uma média dos três anos.

O plano de aula serve de detalhe daquilo que foi previamente definido no planeamento da UD, sendo fundamental para se obter qualidade no ensino, tornando-se indispensável. Deve ter-se em consideração que a aula é um período de tempo variável e, portanto, as unidades devem ser distribuídas considerando que, por vezes, torna-se necessário mais do que uma aula para a finalizar (Libânio, 1994).

Os planos de aula tornaram-se para mim um guia de orientação, possuindo, assim, uma enorme pertinência na organização e estruturação da aula. A estruturação e elaboração

dos planos de aula coube a cada estagiário e, seguindo os moldes anteriormente utilizados, organizei-os em parte inicial, parte fundamental e parte final, objetivos comportamentais, duração do exercício, descrição do exercício acompanhando sempre de um esquema do mesmo, aspetos críticos/erros comuns e, por fim, uma parte destinada às observações.

Os planos de aula eram entregues ao professor orientador com antecedência, sendo discutidas alterações antes da respetiva lecionação e, no final de cada aula, eram discutidos, entre todos, os aspetos positivos e negativos da aula, bem como os aspetos a melhorar.

“A avaliação é um ato pedagógico.”

Libâneo

Uma avaliação apropriada tem de estar ligada aos objetivos estipulados para determinada situação de aprendizagem. O facto de se realizar uma avaliação regular demonstra-se crucial para melhorar a aprendizagem, permitindo passar uma imagem justa e exata da eficácia de um contexto educativo (Siedentop, 2008).

Na área de EF, avaliar torna-se numa tarefa um pouco mais complicada relativamente às restantes disciplinas, pois grande parte da avaliação realizada pelos professores de EF é através da observação. Assim, foram realizados três tipos de avaliação: a avaliação diagnóstica, que permite perceber em que nível de aprendizagem se encontra a turma e é realizada no início de cada modalidade abordada; a avaliação formativa, que corresponde às observações do desempenho ao longo das aulas e, por fim, a avaliação sumativa, que corresponde à verificação de evolução do desempenho relativamente aos objetivos propostos no início da modalidade.

A avaliação no programa dos cursos profissionais funciona por módulos, como já referido, sendo que dentro de cada módulo 65% pertence ao domínio psico-motor, ou seja, corresponde à componente prática, 25% ao domínio sócioafetivo, isto é, às atitudes e valores praticados nas aulas de EF e 10% é atribuído ao domínio cognitivo, sendo este a realização de pequenos testes teóricos. Antes da realização da avaliação final, eram pré-definidos critérios de avaliação de acordo com o Programa de EF dos Cursos Profissionais (Anexo 5). Para isto, foram construídas grelhas de avaliação, conforme o Anexo 6, de forma a facilitar a atribuição de notas.

3.2.2.2. Reflexão da Lecionação

Neste estágio pedagógico, a lecionação é o ponto fulcral do processo ensino-aprendizagem. Deste modo, tentei sempre dar o melhor de mim e retirar o máximo proveito das experiências pedagógicas aplicadas.

Considero que a turma pela qual fiquei responsável não era, de todo, fácil de lidar, no entanto, esforcei-me para encontrar estratégias de modo a torná-los alunos mais motivados e interessados quer pela disciplina, quer pela vida.

Enquanto professora, deparei-me com vários fatores, que tive de ter em consideração, para que aula fosse adequada à turma. Fui-me apercebendo que, devido a alguns atritos entre determinados alunos e à dificuldade em cumprir regras, não era fácil, para não dizer impossível, realizar jogos didáticos, a não ser que fossem de cariz competitivo. Apesar de serem alunos pouco motivados e com dificuldades em estar atentos, existiam alguns que se mostravam interessados em melhorar o seu desempenho e em adquirir novos conhecimentos, preocupando-se bastante com a nota, fazendo até, por vezes, comparações às dos colegas. Por vezes, ao observar pouca motivação na realização do treino de resistência, isto é, alunos a caminhar e na conversa, optava por correr com eles, dando-lhes mais motivação.

É importante referir que nesta turma existem alguns alunos que trabalham ou ajudam os pais nos trabalhos agrícolas, o que lhes causa, muitas vezes, pouca predisposição para a prática, influenciando as suas respostas aos exercícios propostos.

De modo a criar sentido de responsabilidade e autonomia, optei por escolher diferentes alunos em cada aula, para realizarem a mobilização articular e os alongamentos, e, no final de todas as aulas, os alunos arrumavam o material utilizado nas mesmas.

Ao longo das aulas fui utilizando diversos tipos de feedbacks, embora fosse um processo que foi sendo melhorado com o passar do tempo, com o intuito de modificar determinadas respostas. Desta forma, corriji, motivei, elogiei, todos os gestos que achei pertinentes ao longo das aulas.

Relativamente à gestão do tempo de aula, nem sempre consegui cumprir o estabelecido, tendo em conta que muitas vezes perdia tempo em chamar os alunos à atenção ou esperar que todos cumprissem com o que era solicitado. Em algumas aulas tive de alterar o plano de aula, tendo em conta o número de alunos, o nível de exigência de determinados exercícios ou por adaptações ao espaço, o que, também, acaba por influenciar o tempo de aula.

No que toca aos conteúdos lecionados relativos às diferentes modalidades, a turma mostrou mais empenho nos desportos coletivos, onde era visível o seu conhecimento pelas modalidades, embora tivesse sempre de existir a minha intervenção quando surgiam dúvidas quanto a regras ou quanto à técnica de determinado movimento. Tive ainda o cuidado de, na modalidade de dança, tendo em conta ser uma turma só de rapazes, criar uma coreografia de grupo que incluísse alguns passos dos diferentes estilos de dança, maioritariamente danças a pares, exigidos pelo programa, conseguindo assim incutir empenho e motivação dos alunos, obtendo, assim, bons resultados.

Mesmo sendo uma professora estagiária, tive uma boa aceitação por parte da turma, embora, por vezes, a diferença de idades existente entre mim e os alunos, os fizesse criar mais confiança para comigo, situação que tentei sempre controlar da melhor maneira, fazendo-os sempre perceber a diferença existente entre o conceito de professor e aluno.

Relativamente à semana em que lecionei diferentes níveis de escolaridade, nas turmas de 5º ano, Inicialmente, senti um pouco de dificuldade em adaptar-me, pois é um ano

que exige muita atenção e exige que existam regras sejam muito bem definidas. Para além disto, tendo em conta que as aulas que lecionei foram de ginástica, teve de existir muita atenção à segurança, pois como são crianças ainda não possuem bem a noção que consequências têm determinadas brincadeiras e, também, paciência no que toca a evoluções de determinados exercícios. Nas aulas de 45 minutos, como não estava habituada a um tão curto tempo de leção, foi um pouco complicado gerir o tempo de aula com alunos deste nível e escolaridade.

Tanto na turma do 12ºLH, como no 9ºG não senti grandes dificuldades na leção.

O 12ºLH é uma turma calma e motivada, não gerando muitas controvérsias. No entanto, foram-me apontadas algumas críticas quanto ao número de feedbacks, que deveria ter sido maior e, por vezes, o meu posicionamento perante a turma não ser o mais correto.

O 9ºG é uma turma com alunos que possuem poucas destrezas físicas, exigindo de mim uma maior atenção e um maior número de feedbacks, e possuem comportamentos de desvio, o que, por vezes, perturbava o bom funcionamento da aula. No entanto, consegui lidar bem com o ambiente da turma.

Por fim, fazendo um balanço da semana, posso dizer que evolui positivamente de umas aulas para as outras tendo em conta as críticas que me foram sendo apontadas.

Em suma, todo este processo de leção resultou na construção e reforço de competências que me serão úteis futuramente, permitindo uma melhor intervenção juntos dos alunos enquanto docente competente.

3.3. Recursos Humanos

Relativamente aos recursos humanos, a escola conta com a contribuição de várias pessoas, sendo 178 pessoas pertencentes ao corpo docente e 75 pessoas pertencentes ao corpo não docente.

É bastante importante salientar que todos os professores, facilitaram a nossa integração neste corpo educativo, demonstrando sempre simpatia e disponibilidade para ajudar em todos os momentos.

O conselho Executivo do AEF esteve sempre disponível para ajudar e colaborar com o grupo de estágio, demonstrando sempre uma simpatia e um clima bastante agradável. Auxiliaram-nos bastante na realização da nossa atividade, fornecendo todos os meios ao seu alcance para a realização da mesma.

Quanto aos Auxiliares de Ação Educativa, trataram-nos sempre com o maior respeito e simpatia. Mostraram sempre disponibilidade para nos auxiliar em qualquer situação, sendo que todos os serviços prestados foram bem recebidos e agradecidos.

3.4. Recursos Materiais

Esta organização possui diversos espaços de apoio ao lazer, ao recreio e às atividades desportivas. Exteriormente possui quatro campos de jogos, sendo que um possui pista de atletismo, e um pavilhão polidesportivo/gimnodesportivo. Este pavilhão encontra-se dividido em quatro diferentes espaços, sendo denominados de PAV 1, destinado à modalidade de voleibol, PAV 2 destinado à modalidade de basquetebol, PAV 3 destinado à modalidade de badminton e PAV 4, destinado às modalidades gímnicas. No entanto, qualquer um dos pavilhões poderia ser adaptado à realização de outras modalidades.

Relativamente aos espaços interiores existentes, a escola possui:

Tabela 2 - Espaços Interiores

Sala de aulas	Sala de isolamento	Sala de diretores de turma	Sala de professores
Sala de cursos de dupla certificação	Sala de apoio pedagógico acrescido	Sala de assistentes operacionais	Sala de associação de estudantes
Gabinete de apoio ao aluno	Gabinete de saúde	Gabinete de gestão de conflitos	Gabinete de ASE
Gabinete de psicologia	Gabinete de apoios educativos	Gabinete de psicologia e orientação	Gabinete de ensino especial
Biblioteca/centro de aprendizagem	Laboratório de línguas	ASE	Secretaria - área de professores
Secretaria - área de alunos	Reprografia de professores	Reprografia de professores	Refeitório e espaço de apoio
Bufete de alunos/sala de convívio	Papelaria	Portaria	Anfiteatro e espaço de apoio
Receção	Espaços de circulação	Lavandaria	Instalações sanitárias

No que toca aos espaços geridos pelos diferentes departamentos pedagógicos, a escola possui:

Tabela 3 - Espaços geridos pelos diferentes departamentos

Matemática e Ciências Experimentais	Gabinete de Matemática, laboratório de Informática, oficina e gabinete de Eletricidade, salas de Informática, laboratórios e gabinetes de Física e Química, laboratórios e gabinete de Biologia.
Expressões	Pavilhão oficial, pavilhão polidesportivo, campos de jogos, gabinete de EF, gabinete de expressões, salas específicas.
Ciências Sociais e Humanas	Gabinetes de Geografia, Filosofia e história, sala de Contabilidade, Secretariado e Gestão, gabinete de Economia.
Línguas	Gabinete de Línguas Românicas e Línguas Germânicas, laboratório de línguas.

A escola possui ainda material de suporte às aulas de EF, DE e quaisquer outras atividades de cariz extra curricular. De acordo com o documento fornecido pela diretora de instalações, a professora Clara Barbosa, os materiais encontram-se divididos por diferentes instalações: arrecadação do pavilhão, arrecadação do pavilhão 4 e gabinete de EF. A lista de materiais encontra-se disponível no Anexo 7 que denomina, quantifica e qualifica todo o material disponível.

3.5. Direção de Turma

Segundo Marques (2002), “O Diretor de Turma é o eixo em torno do qual gira a relação educativa.”, assim pode-se considerar que a função do DT representa um fator fulcral no que toca à gestão curricular de uma turma, sendo que este desempenha o papel de líder de um conjunto de vertentes que o ligam aos seus interlocutores: alunos, professores e EE.

O seu cargo é alvo de um acrescido número de tarefas que passam pela administração e coordenação do processo pedagógico e pela mediação entre a ação dos professores e os restantes elementos envolvidos em todo o processo educativo. Assim, o DT desempenha competências que passam por divulgar a informação necessária para promover o acompanhamento individual dos alunos e auxiliá-los na orientação dos seus estudos; descobrir aptidões e interesses específicos de cada aluno, de modo a facilitar o seu desenvolvimento e realização pessoal; promover a integração dos alunos nos grupos, na turma e na escola; concretizar medidas de ajuda e de recuperação para os alunos que evidenciarem dificuldades; desenvolver o diálogo com alunos e pais; certificar condições de participação dos professores

na planificação dos trabalhos, nas ações disciplinares e nas ações de informação e esclarecimento; assegurar a informação junto dos pais acerca do rendimento e da inclusão dos alunos.

O docente que assuma o cargo de DT deve demonstrar-se comunicativo, de modo a que se criem relações de confiança com os alunos, EE, colegas e não docentes; deve, ainda, ser compreensivo, decidido, coerente e tolerante, nunca deixando de aplicar uma gestão flexível, pois poderá correr o risco de ser intransigente ou injusto. Deve, também, possuir competências que lhe permitam prever situações e solucionar problemas de forma eficaz e gerir conflitos, contribuindo para um ambiente equilibrado.

Relativamente à minha experiência de acompanhamento verifiquei que, e é importante referenciar, existe um reduzido número de horas para o professor exercer o cargo que, como já referido, exige bastante dedicação, o que, por vezes, obriga a que o DT dedique horas extra do seu horário a esta tarefa. A minha participação passou por auxiliar na marcação e justificação de faltas, presenciar reuniões com EE para informação acerca do desempenho dos seus educandos, bem como do seu comportamento ou de aparentes problemas, participar em CT e auxiliar, ainda que minimamente, na realização do PCT.

Desta experiência posso retirar que o papel de um DT é muito relevante, pois para além de este ter de ser um bom gestor de tarefas e de relações, tem, também, de conseguir gerir bem as emoções, não se envolvendo nos problemas e conseguindo manter-se numa posição neutra, de modo a analisar corretamente as situações e, consequentemente, a intervir de forma acertada. Perceber aquilo que está por trás do comportamento indisciplinado de determinado aluno, auxilia-nos, a nós professores, na forma de agir com eles e, para além disso, a ter em atenção comportamentos desviantes, daí ser importante existir uma relação entre DT, EE e aluno pois só assim se conseguirá trabalhar em função do sucesso do mesmo.

Considero esta experiência uma mais-valia para o meu enriquecimento profissional e pessoal, pois penso que adquiri os conhecimentos e competências essenciais para o desempenho desta função, permitindo-me, futuramente, desempenhar este cargo com uma maior segurança e eficácia.

3.6. Atividades não letivas

3.6.1. Atividades do Grupo Disciplinar

O Desporto Escolar caracteriza-se como sendo uma atividade não letiva que permite a todos os alunos o acesso à prática de atividade física e desportiva, promovendo assim estilos de vida saudáveis que permitirão uma formação equilibrada dos alunos, bem como, um desenvolvimento da prática desportiva.

Segundo o ME, a missão do DE passa por combater o insucesso e abandono escolar e promover a inclusão, através das atividades físicas e desportivas.

Relativamente a esta componente, ficou decidido que cada estagiário optaria por ficar responsável pela modalidade de DE que preferisse e teria que, ao longo do ano, acompanhá-la. As modalidades disponíveis eram ginástica, basquetebol, voleibol, badminton, futsal e atividades multidesportivas. Optei pelo grupo de ginástica rítmica e artística visto ser uma modalidade que exige muita destreza física e, portanto, uma maior atenção quer a nível de segurança, quer a nível de exigências da própria modalidade, o que poderia vir a ser uma mais valia para a consolidação da minha formação relativamente à modalidade de ginástica.

A responsável por esta modalidade foi a professora Clara Barbosa, sendo ela auxiliada por mim e por outro colega estagiário. Os treinos decorriam às quartas-feiras pelas 15h30 e terminavam por volta das 17h.

Inicialmente, a minha função passou pela observação e compreensão de determinados aspetos cruciais no processo de treino. Por exemplo, o aquecimento exigia a execução de vários exercícios, sendo portanto bastante longo e complexo, e, o objetivo que tínhamos de atingir para que conseguíssemos levar as alunas às competições. Posteriormente, auxiliei na realização de ajudas e na criação de progressões para que fosse possível existir uma evolução positiva e consistente no que toca ao desempenho das alunas mais novas (11-14 anos de idade), pois ainda não possuíam grandes destrezas físicas para a modalidade. As mais velhas (15 a 18 anos de idade) já tinham frequentado, em anos anteriores, esta modalidade no DE e, portanto, já possuíam um alto nível de execução, quer na ginástica rítmica, quer na ginástica artística, sendo orientadas pela professora responsável no que toca à construção de um esquema para a competição.

Quanto à minha postura nos treinos, no que toca à transmissão de conhecimentos, penso que consegui elucidar as alunas quanto à execução e postura correta dos movimentos e quais os erros que não devem cometer, verificando-se uma evolução no nível de aprendizagem das alunas, comparativamente às primeiras aulas. A nível pessoal penso ter enriquecido o meu conhecimento a nível de treino, percebendo que esta é uma modalidade que exige, por parte do professor, bastante paciência no que toca a verificar-se evolução nas alunas, pois é algo progressivo e, para além disto, os feedbacks devem ser claros, sequenciais e diretos quanto ao erro, facilitando a compreensão do aluno quanto àquilo que queremos que seja corrigido, pois só assim haverá melhoria na performance do aluno.

Campeonato Distrital de Ginástica de Desporto Escolar

No dia 23 de Abril de 2013, decorreu na cidade de Castelo Branco o Campeonato Distrital de Ginástica de Desporto Escolar. Este campeonato encontrava-se dividido em dois locais distintos, sendo que o campeonato de ginástica rítmica e acrobática foi realizado no pavilhão da Boa Esperança e o campeonato de ginástica artística foi realizado no pavilhão da Escola Cidade de Castelo Branco.

Deste modo, a professora Clara Barbosa seguiu com as quatro ginastas de rítmica e eu, juntamente com o meu colega, ficamos responsáveis por acompanhar as três ginastas de artística.

Ao chegarmos ao local de realização das provas, denotou-se a apreensão e nervosismo das alunas, possivelmente por ser a primeira vez que participavam naquele tipo de modalidade e, ao mesmo tempo, por todo o ambiente circundante. Após o tempo disponibilizado para treino, as alunas realizaram as provas de ginástica de solo e de aparelhos - salto no cavalo e trave. Apesar de terem ficado nos três primeiros lugares, estas classificações não se podem traduzir tão boas como na prática, tendo em conta que elas eram as únicas do seu escalão a participar, que ainda existia alguma falta de postura nas execuções e que foram cometidos, ainda que não muito graves, alguns erros. No entanto, as alunas ficaram de parabéns.

Em seguida, fomos ter com o outro grupo ao pavilhão. Embora não tenhamos assistido em direto   performance das ginastas, assistimos ao vídeo e ficamos muito satisfeitos com a sua classificação, tendo elas conseguido alcançar primeiro lugar.

Terminadas as provas, regressamos ao AEF, chegando por volta das 17h.

Foi com muito orgulho que assisti   competição, pois foi poder ver o resultado final de um ano de esforço e dedicação, tanto por minha parte como por parte das alunas, num momento muito bem representado.

Corta Mato Escolar

No dia 23 de Novembro de 2012, decorreu o corta mato escolar, onde os alunos, após seleção dos que obtiveram melhor tempo de cada turma, participaram, percorrendo a distância correspondente ao seu escalão.

As funções do grupo de estagiário, no auxílio desta atividade, passou por colocar os dorsais nos atletas; ocupar pontos de referência para que os alunos não se enganassem no percurso; ficar na meta, observando as chegadas e tirando tempos; ficar no ponto de partida a realizar o aquecimento em conjunto com os alunos e dar reforço alimentar aos alunos   medida que terminavam a prova.

As provas terminaram por volta do 12h30 e os estagiários auxiliaram os restantes professores a retirar os tempos e a colocá-los em sistema informático e, posteriormente, na sua afixação.

Torneio de Badminton

O torneio de badminton teve lugar no dia 5 de Dezembro de 2012 e foi organizado pelo professor Marco Mesquita, responsável por esta modalidade no Desporto Escolar.

O pavilhão foi dividido em 12 campos devidamente assinalados e às 14h30 deu-se início à atividade. Os estagiários prestaram auxílio em toda a organização na mesa de prova, na arbitragem dos jogos e na organização dos pares de jogo.

A atividade terminou por volta das 18h e os estagiários cooperaram na arrumação de todo o material necessário ao funcionamento desta.

Corta Mato Distrital

Esta atividade teve lugar na cidade de Castelo Branco, no dia 4 de Fevereiro de 2013.

A partida da escola deu-se por volta das 9h20 e a chegada ao local de prova às 10h, de seguida os alunos foram divididos por escalões, ficando dois estagiários responsáveis por acompanhar e auxiliar os escalões mais novos e os restantes com os escalões mais velhos. Após reunião de grupo com os professores responsáveis por acompanhar os alunos, foram distribuídos os dorsais e os alunos foram levados para o local da prova. Os responsáveis por cada escalão acompanharam os alunos aquando o início da respetiva prova e assistiram à realização da mesma, prestando apoio moral aos atletas.

Por fim, foram entregues os almoços a todos os participantes e professores e, após todos terem terminado, seguimos rumo à cidade do Fundão, chegando à escola por volta das 15h.

Mega Sprint e Mega Salto

No dia 25 de Fevereiro de 2013, decorreu a atividade de mega sprint e mega salto, tendo tomado início às 10h.

A responsabilidade dos estagiários passou pela tiragem dos tempos dos participantes e pela atribuição de reforços alimentares aquando o término da prova.

A atividade terminou por volta da 13h e os estagiários auxiliaram no arrumo do material utilizado.

Mega Sprint e Mega Salto - Fase Distrital

No dia 8 de Março de 2013, decorreu a atividade de mega *sprint* e mega salto - fase distrital, no Complexo Desportivo da Covilhã. Os alunos reuniram para partir da escola às 9h, chegando à Covilhã, pouco antes das 10h. As provas deram início às 10h30m e antes disso, foram distribuídos os dorsais pelos alunos.

A responsabilidade dos estagiários passou por acompanhar e orientar os alunos para as provas, mantê-los juntos enquanto estes esperavam pela sua vez e distribuir os almoços a todos os alunos.

As condições climáticas dificultaram a organização e o decorrer das provas, atrasando todo o processo.

A atividade terminou por volta das 16h e a chegada ao Fundão aconteceu pouco antes das 17h.

Caminhada/Corrida Solidária

No dia 28 de Maio de 2013, foi realizada uma caminhada Solidária, no âmbito do Programa Fundão Educa.

A caminhada teve início às 9h30m, no Agrupamento de Escolas do Fundão. As turmas foram organizadas por ano de escolaridade, começando nas turmas de primeiro ciclo e acabando nas turmas de 9ºano. Do Agrupamento de Escolas fomos até ao Centro de Saúde do Fundão, onde nos juntámos à Escola Serra da Gardunha. Estes seguiram na frente, numa fila que tinha mais de mil crianças e jovens.

A responsabilidade dos estagiários estava na organização da fila, tendo cada um de nós, uma turma atribuída, e o nosso papel era orientar e organizar essa turma para que nenhum acidente acontecesse.

A caminhada terminou na Escola Serra da Gardunha, onde se desenvolveram várias atividades, como Zumba e *Body Combat*. O regresso ao Agrupamento de Escolas do Fundão deu-se às 13h.

3.6.2. Atividades do Grupo de Estágio

No decorrer da unidade curricular, Seminário de Investigação em Ciências do Desporto I, o núcleo de estágio desenvolveu um projeto, com vista a organizar um fim de semana radical na Serra de Estrela. Foram selecionadas três das cinco turmas que fazem parte da área da lecionação dos estagiários (9ºG,11ºGPI,12ºLH). Toda a atividade foi acompanhada pelo Núcleo de Estágio do Agrupamento de Escolas do Fundão, por um Professor contratado do mesmo Agrupamento e pelo Orientador de Estágio.

O fim de semana radical, nome atribuído à atividade, decorreu nos dias 16 e 17 de Fevereiro de 2013. Participaram na atividade 40 alunos, a reunião para a partida deu-se junto do portão da entrada principal do Agrupamento de Escolas do Fundão às 7h15 horas. A viagem deu início às 7h30m, com rumo à Pousada da Juventude das Penhas da Saúde, onde chegámos por volta das 8h15, com o objetivo de realizar o *chek-in*, o que não foi conseguido, uma vez que o mesmo só poderia ser realizado após as 12h00. Foram então colocadas todos as malas e bens dos alunos e professores numa sala de convívio do estabelecimento onde ficariam guardadas até às 17h00, horário previsto para a chegada à Pousada após um dia passado na Estância Vodafone.

A chegada à Estância deu-se por volta das 9h25, hora a que esta abre ao público, reuniram-se os alunos após saída do autocarro e dirigiram-se em grupo ao local de requisição de material e do *Fourfait*, para por em prática as modalidades de Ski e Snowboard. Após conseguido o levantamento do mesmo, foi atribuído a cada aluno uma fita amarela fluorescente, colocada no braço de cada um, para serem identificados com facilidade. Os seis professores foram divididos - três por cada grupo de alunos, que acompanharam durante todo o dia os mesmos. Após a organização dos dois grupos estes dirigiram-se junto de cada professor da Estância para dar início às aulas quer de ski, quer de snowboard.

Durante o dia, os alunos acompanharam os professores, praticaram Ski e Snowboard, após terem adquirido os conhecimentos básicos e terem dado os primeiros passos nas aulas das modalidades de neve.

Às 16h30m, os alunos e os docentes reuniram-se para entregar o material para de seguida, ir de encontro ao autocarro que se encontrava à nossa espera às 17h00, junto à entrada da estância.

Seguidamente, o autocarro deslocou-se até a Pousada de Juventude, onde passámos a noite. A chegada deu-se às 17h30m, hora a que se efetuou o *check-in* e, de seguida, foi efetuada uma leitura dos grupos, elaborada antecipadamente pelos docentes, sobre a distribuição dos alunos pelos quartos, estes dirigiram-se aos mesmos, colocando os seus bens e preparando-se para o jantar. Pelas 19h00 reuniram-se todos os alunos junto a receção da Pousada para proceder ao tão aguardado jantar.

Após o jantar, os alunos dirigiram-se em grupo para a sala de convívio do edifício, onde realizaram jogos didáticos, bem como o sorteio das rifas que foram criadas de modo a angariar verbas para que todos os alunos pudessem desfrutar desta visita de estudo. Os docentes estiveram sempre presentes junto dos jovens, divertindo-se com os mesmos. Por normas da Pousada, a partir das 00h00 não poderia existir barulho, realizando-se silêncio absoluto. Deste modo, às 23h30 foi solicitado que todos os alunos recolhessem aos seus quartos.

No Domingo, às 8h00 deu-se a alvorada, todos os alunos acordaram, realizaram a sua higiene diária e às 8h30 reuniram-se junto da receção da Pousada para que todos tomassem o pequeno-almoço.

Às 9h30, o transporte chegou à Pousada para nos levar até à Reitoria da UBI, a chegada foi às 10h30m, para a realização de uma atividade de Paintball, alternada por grupo e com uma caminhada acompanhada por jogos em determinados pontos da mesma. Os professores ficaram divididos, mais uma vez, três por cada grupo de alunos. Devido às condições climáticas, não foi possível passar tanto tempo na atividade quanto o planeado. Assim foi diminuído o tempo que cada grupo passou na atividade e terminámos mais cedo. O autocarro chegou por volta das 14h e seguimos para o Agrupamento de Escolas do Fundão. Foi necessário que os alunos avisassem os Encarregados de Educação para que estes os fossem buscar mais cedo do que aquilo que estava previsto.

4. Reflexão

De uma maneira geral, este estágio demonstrou-se muito proveitoso no que toca à lecionação e a tudo que esta implica. Ao longo do ano, fui melhorando competências já adquiridas e aprendendo outras que permitiram aumentar o meu conhecimento tanto a nível profissional, quanto a nível pessoal.

Sendo este grupo de estágio, um conjunto de pessoas, é normal que, nem sempre, existisse concordância entre todos. Esta divergência de ideias, apenas levava a uma discussão saudável do ponto de vista de cada um, levando, grande parte das vezes, a uma conclusão aceite por todos. No entanto, fui sempre recetiva às críticas que me foram sendo apontadas e tentei sempre modificar o meu comportamento em função disso.

Uma grande dificuldade sentida por mim foi relativamente à avaliação, isto prende-se com a minha formação, quer na licenciatura, quer no mestrado, pois nunca tinha experienciado realizar tal tarefa com os meus colegas. Deste modo, apercebi-me que não é fácil observar os alunos na realização de exercícios e optar por determinada nota em função dos critérios de avaliação definidos.

Outra dificuldade encontrada foi o conhecimento teórico acerca de determinadas modalidades, mais precisamente do badminton. Mais uma vez, foi algo que nunca abordei na licenciatura, sendo que o pouco que sabia sobre a modalidade era por experiência própria. No entanto, não desanimei e fui instruir-me acerca das regras e técnicas desta modalidade, o que contribui para o aumento do meu conhecimento desportivo.

Focando-me agora nos aspetos positivos, o principal foi, sem dúvida, a intervenção pedagógica que, olhando para trás, permite-me verificar o quanto evolui como pessoa e como profissional. Daqui, posso evidenciar os aspetos essenciais experienciados, como todo o processo de construção de exercícios, planeamento e organização dos mesmos, de forma a criarem sempre uma progressão com um objetivo alcançável. Para além deste, também é importante referir o bom relacionamento com os alunos, que foi aumentando à medida que era percebido, da minha parte, aquilo que, muitos deles, passavam a nível pessoal.

A minha participação na direção de turma revelou-se proveitosa e elucidou-me acerca de todo o trabalho de um DT, permitindo-me conhecer mais de perto esta realidade.

O trabalho desenvolvido no DE foi bem concretizado, confirmando-se pelos resultados obtidos no campeonato de ginástica. Esta atividade permitiu-me alargar horizontes quanto à modalidade de ginástica e permitiu-me acompanhar a evolução das alunas, que foram sendo treinadas por mim, ao longo do ano letivo.

Relativamente a todas as atividades organizadas pelo grupo disciplinar, retiro uma boa experiência quer a nível de organização de atividades, quer a nível de promoção das mesmas dentro da comunidade educativa. Para além disto, promoveram, também, a criação de um melhor relacionamento entre os elementos do grupo de EF.

5. Considerações Finais

"O educador nunca estará definitivamente pronto, formado, pois a sua maturação faz-se no dia a dia, na meditação teórica sobre a prática."

Lukesi

Termino com esta citação pois, embora este estágio tenha sido indispensável à minha formação, esta estará sempre em constante evolução, partindo da vontade de conhecer e de progredir enquanto profissional.

Partilhei a experiência de ser professora e, ao mesmo tempo, aluna. Transmiti o meu conhecimento até lá adquirido e aprendi com todo o conhecimento com que me foram elucidando ao longo do tempo.

É com satisfação que dou por terminada esta etapa, etapa que me permitiu alargar horizontes, conhecer o desconhecido, assentar e colmatar ideias. Resumindo, etapa que me preparou para enfrentar a vida profissional onde, com esforço e dedicação, dei o melhor de mim, conseguindo atingir os objetivos que me foram sendo propostos ao longo do ano.

Irei fazer-me acompanhar na memória de tudo o que errei, aprendi, corriji e acertei durante esta experiência enriquecedora e durante tantas outras que passei, que me permitiram crescer e abrir novos caminhos para desvendar.

6. Referências Bibliográficas

Abrantes, J. citado por Martins, J. (2009) - Diapositivos apresentados no 2º ciclo de estudos do Mestrado Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade da Beira Interior.

DGSV (2004). Programa de Educação Física, Cursos Profissionais de nível secundário (2004-2005). Ministério da Educação

GDIDC/ME (2009). Programa do Desporto Escolar (2009-2013).

Jacinto, J.; Carvalho, L.; Comédias, J.; (2001). Programa de Educação Física, 10º, 11º e 12º Anos, Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos. Ministério da Educação, Departamento do Ensino Secundário.

Libâneo, J. S. (1994). Didática. São Paulo: Cortez.

Marques, R. (2001). História Concisa da Pedagogia. Plátano Edições Técnicas, Lisboa, Portugal.

Martins, J. (2009) - Diapositivos apresentados no 2º ciclo de estudos do Mestrado Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade da Beira Interior.

Meinel, K. (1960). El Aprendizaje Motriz, ediciones Olímpia (Traducción del Capítulo V de Bewegungslehre), Berlin.

Patrício, M. (1994). A Formação de Educadores e professores dos Ensinos Básico e Secundário, numa perspectiva estratégica para o próximo decénio: algumas questões e algumas teses. Encontro sobre Formação de Educadores e Professores, Departamento do Ensino Superior, Seminário de Caparide.

Projeto Educativo de Escola (2009). Projeto Educativo de Escola (2009-2013). Escola Secundária c/3º Ciclo do Fundão.

Rosado, A. (1990). A disciplina nas Classes de Educação Física. Horizonte 7(38): p 37.

Sarmento, P. (2004). Pedagogia do Desporto e Observação. Lisboa: FMH Edições.

Siedentop, D. (1991). Developing teaching skills in physical education. 3rd edition. Mountain View

Siedentop, D. (2008). Aprender a Enseñar la Educación Física (2ª ed.) Barcelona: INDE Publicaciones.

Singer, R.; Dick, W. (1980). Teaching Physical Education, a system approach. Mayfield Co. 2nd ed., Boston.

Sousa, J. (1991). Pressupostos, princípios e elementos de um modelo de planeamento em Educação Física. Revista Horizonte, Vol. VIII, nº.46.

Capítulo 2 (Seminário de Investigação em Ciências do Desporto)

1. Introdução

Segundo Ferreira (2005), a motivação era um termo usado para representar as razões que levavam os indivíduos a selecionar diferentes atividades, a persistirem nelas e a efetuá-las com mais ou menos intensidade.

Para Siguan (ct. Por Ferreira J., 2005), sem motivação não há movimento, nem atividade psíquica, nem é possível o comportamento embora, também, através dela, se tentem explicar fenómenos para os quais a investigação não encontra respostas.

Atualmente, vários métodos de ensino foram testados para que os alunos obtenham os melhores resultados possíveis; a motivação é um dos casos. Lee e Silverman (1991) defendem que a motivação foi muito estudada dentro de salas de aula mas que existe uma escassez de pesquisa relacionada com a motivação para participação na disciplina de Educação Física (EF).

A teoria da autodeterminação pode ser bastante útil na compreensão dos comportamentos na EF já que identifica três tipos de motivação - desmotivação, motivação extrínseca e a motivação intrínseca (Deci et al, 1985). De acordo com esta teoria, o comportamento humano é motivado por três necessidades básicas - autonomia, competência e relações. Isto é, os alunos necessitam de sentir que possuem uma certa liberdade para agir, que podem realizar atividades eficazmente e, simultaneamente, relacionarem-se com o meio que os envolve (Deci et al, 1985; Ryan et al, 2000). Nesta teoria argumenta-se que os indivíduos podem ser diferentes mas, quando estes são intrinsecamente motivados ou extrinsecamente motivados, encontram-se aptos para realizar a atividade. A motivação intrínseca reflete situações onde os indivíduos realizam atividades para aprender novos conhecimentos, desenvolver competências ou, simplesmente, pela experiência divertida que atividade pode proporcionar. Em contraste, a motivação extrínseca descreve situações onde os indivíduos realizam atividades como meio de alcançar resultados desejáveis.

Relativamente à motivação extrínseca existem quatro tipos de motivação - regulação externa, regulação introjetada, regulação identificada e regulação integrada (Vallerrand et al, 2001). Regulação externa refere-se a situações onde os indivíduos realizam tarefas com o objetivo de receber recompensas ou porque se sentem pressionados e constrangidos a fazê-lo. Como exemplo, os alunos participam nas aulas de EF porque esta é obrigatória. (Deci (1985) e Ryan (2000). Na motivação introjetada os indivíduos realizam atividades para evitar sentimentos de culpa e ansiedade ou para agradar a outros, como o aluno participar na aula

de EF de forma agradar o professor, para evitar sentimentos de culpa associados à não participação. A regulação identificada sugere que o indivíduo pratica uma modalidade sem que inicialmente mostre interesse, mas realiza-a uma vez que encontra um fator que, a nível pessoal, ache importante (p.e. os alunos podem considerar a flexibilidade do corpo como uma habilidade importante, portanto, decidem participar ativamente nas aulas de ginástica, embora não tenham interesse pela aula). Como exemplo da regulação integrada, os alunos optam por participar nas aulas de EF porque veem a atividade física como um aspeto importante num estilo de vida saudável. No entanto, de acordo com Vallerand e Fortier (1998), consideram que este tipo de motivação não é avaliado em crianças ou adolescentes.

A motivação intrínseca move o indivíduo pelo gosto de aprendizagem e serve para aperfeiçoamento e melhoria das capacidades e, para além disso, serve para estimular experiências, ou seja, o indivíduo participa nas atividades pelo prazer e gosto de novas experiências (Vallerand, 2001).

Deci e Ryan (1991) argumentam que pode haver um estado de desmotivação para a realização de atividades. Desmotivação refere-se à ausência intrínseca ou extrínseca, isto é, quando os indivíduos não valorizam uma atividade ou quando não podem alcançar um resultado desejável.

Em EF, a motivação demonstra-se um fator crucial para que os alunos realizem corretamente e com interesse as atividades propostas. Segundo Gouveia (2007), sem o fator motivação, nas aulas de EF os alunos não realizarão as tarefas propostas ou irão realizá-las mal, sendo a motivação em geral a responsável.

Para além disto, existem ainda alunos que, várias vezes, não possuem motivação para a participação nas atividades da aula. Vários desses sentem que estão a desperdiçar tempo nas aulas de EF e que, no futuro, não tiram proveito destas (Coakley, citado White, 1992).

Segundo Marzinek e Neto (2007), existem vários motivos que influenciam a motivação nas aulas de EF, nomeadamente, no que toca à desmotivação, a falta de material e instalações adequadas para realização da aula, a carência de profissionais competentes, o medo de errar, as competências inadequadas e, para além disto, os problemas sociais e familiares são fatores que podem desencadear o desânimo para a prática.

Neste mesmo sentido, a desvalorização da disciplina de EF em relação à sua influência no acesso ao ensino superior é, também, um motivo de motivação. Neste novo ano letivo, segundo o Diário da República, 1ª série - N.º155 - 10 de agosto 2012, a nota final da disciplina de EF no ensino secundário deixará de interferir no apuramento da média final, isto é, não será considerada na nota apresentada para candidatura ao ensino superior. Como novas cláusulas impostas ao que já havia sido confirmado pelo Ministério da Educação e Ciência (MEC), a contabilização da mesma para alunos que prossigam estudos na área será tida em conta. Outra medida imposta foi a contabilização dessa mesma nota para efeitos de conclusão do ensino secundário. Dito isto, a nota só não será contabilizada na nota de candidatura ao ensino superior a alunos que não sejam da área de educação física. João Lourenço, presidente do Conselho Nacional de Associações de Professores e Profissionais de Educação Física

(CNAPEF), frisa que “ é um retrocesso tremendo e uma machadada no estatuto da Educação Física”. Lembra ainda que a Confederação Nacional das Associações de Pais (CONFAP) tinha anteriormente proposto a mesma medida, alegando que “muitos dos alunos do ensino secundário não têm grande destreza física”. João Lourenço responde defendendo o contrário, isto é, que alunos apoiam-se na classificação da disciplina de educação física para subirem a média. Em reforço, João Sores, professor catedrático da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP) diz que a educação física deve ser vista “uma disciplina como as outras. Com o mesmo estatuto. Se é algo que “ou se tem ou não se tem jeito” então acabem com as classificações. Eu também não tinha “muito jeito” para matemática, mas nunca serviu de atenuante.” (José Soares, 2013)

Cada vez mais se entende que, a avaliação, é um aspeto fulcral no processo pedagógico, visto que é através desta que se cristalizam mecanismos estruturais limitantes no processo de ensino-aprendizagem. Em EF, o processo avaliativo passa por compreender o processo de aprendizagem, verificando qual a origem das dificuldades, resistências e avanços existentes. É, assim, importante ter em mente o desenvolvimento da criança e do adolescente e, a partir daí, reportá-lo às suas exigências e à realidade em que os alunos estão inseridos.

Este estudo pretende, assim, expor qual a influência da avaliação na motivação dos alunos do ensino secundário nas aulas de EF, relativamente ao género e à área científica dos mesmos.

Como hipóteses apresentam-se:

H₀ 1 - Existem diferenças significativas na influência da avaliação na motivação entre alunos de 10º e 12º ano de escolaridade;

H₀ 2 - Existem diferenças significativas na influência da avaliação na motivação entre alunos no género feminino e do género masculino de 10º ano e 12º ano de escolaridade;

H₀ 3 - Existem diferenças significativas na influência da avaliação entre as diferentes áreas científicas de 10º ano e 12º ano de escolaridade.

Hipótese 1 - Não existem diferenças significativas na influência da avaliação na motivação entre alunos do 10º e 12º ano de escolaridade;

Hipótese 2 - Não existem diferenças significativas na influência da avaliação na motivação entre alunos no género feminino e do género masculino de 10º ano e 12º ano de escolaridade;

Hipótese 3 - Não existem diferenças significativas na influência da avaliação entre as diferentes áreas do 10º ano e as diferentes áreas do 12º ano de escolaridade.

2. Metodologia

A população selecionada para o estudo em causa foi um grupo de 274 alunos do ensino secundário do Agrupamento de Escolas do Fundão, pertencentes apenas ao 10º e 12º ano de escolaridade, excetuando as turmas de curso de ensino profissional.

2.1. Amostra

A amostra é, assim, constituída por 185 alunos, dos quais 102 do género feminino, correspondentes a uma percentagem de 55.1 e 83 do género masculino, correspondentes a uma percentagem final de 44.9; subdividindo-se em 91 alunos de 10º ano (referente a 49.2% da amostra) e 94 do 12ºano de escolaridade (alusivo a 50.8% da amostra total).

Nota-se uma discrepância acentuada da amostra em comparação à população alvo. Tal diferença traduz-se pela não inscrição de todos os alunos na disciplina de EF e, numa turma ter ocorrido a exceção da distribuição desta por turnos, obrigando à separação da turma e ao não preenchimento do questionário.

Foi elaborada uma autorização direccionada aos encarregados de educação com o intuito de permitir que os seus educandos participassem no estudo, através do preenchimento de questionários (Anexo 8).

2.2. Instrumentos

O instrumento de recolha de dados utilizado foi o questionário de Kobal (1996) adaptado - Anexo 9 -, sobre a motivação intrínseca e extrínseca nas aulas de EF, ao qual foram adicionadas questões relativamente à avaliação da mesma. O questionário aplicado é constituído por 6 questões sobre motivação intrínseca e extrínseca, contemplando 32 afirmações na totalidade, sendo estas 16 sobre a intrínseca e 16 sobre a extrínseca. Ao original foram acrescentadas duas questões que realçam o objetivo do trabalho, sendo estas referentes à avaliação de EF, contendo 10 afirmações na totalidade.

As afirmações são respondidas através de uma escala de LIKERT de opções: 1= “Concordo Totalmente”; 2= “Concordo”; 3= “Estou em dúvida”; 4= “Discordo”; 5= “Discordo Totalmente”.

Como ferramenta de tratamentos de dados foi usado o programa estatístico IBM SPSS Statistics 21.

2.3. Procedimentos

Para a aplicação do questionário adaptado foi necessário proceder à sua validação, implementando o mesmo a uma turma de 12ºano em dois diferentes momentos.

A direção da escola foi conhecedora e aprovadora do emprego do questionário, apoiando o estudo.

Todo o processo obrigou à pesquisa das turmas e respetivos horários, assim como dos professores responsáveis pela turma na aula de aplicação do questionário. Estes foram entregues diretamente aos professores em questão, os quais foram informados das indicações de aplicação.

O questionário foi aplicado no início da aula das 10.05h, aula do segundo bloco da manhã, devido ao facto dos alunos estarem mais predispostos - mais despertos e menos ansiosos pelo toque de saída. A terça-feira foi escolhida já que constitui a fase inicial da semana de trabalho, tendo em conta que não é o primeiro dia após o descanso e não há ansia, por parte dos alunos, pelo término da mesma.

Em termos de estatística descritiva, isto é, o conjunto de métodos estatísticos que visam sumariar e descrever os atributos mais proeminentes aos dados, apresentam-se, para as variáveis de caracterização, as tabelas de frequências das distribuições dos valores verificados e, para as variáveis das várias escalas, também as tabelas de frequências e as estatísticas relevantes.

Para as variáveis da escala de medida, os dados foram estudados pelos indicadores:

- De valores médios obtidos para cada questão;
- De valores de desvio padrão referentes a cada questão;
- De coeficiente de consistência interna;
- De coeficiente de variação;
- De tabelas ilustrativas dos valores médios e desvio padrão das várias questões.

Foi realizado o teste Alpha de Cronbach que permite verificar a consistência interna das variáveis, isto é, afirmam se as variáveis em causa estão ou não bem explícitas nas questões. Os valores da consistência pode variar de 0 a 1, sendo que quanto maior o valor, ou seja, perto de 1, melhor a consistência e qualidade do questionário (Maroco, 2007).

Os testes estatísticos servem para testar se a média populacional é ou não igual a um determinado valor a partir da estimativa obtida de uma amostra. Considera-se, por convenção, que o valor de 5% é um valor de referência que significa que se estabelece a inferência com uma probabilidade de erro inferior a 5%.

O teste *t de student* foi realizado, fazendo o cruzamento entre variáveis quantitativas e a variável qualitativa nominal dicotómica, com o intuito de identificar diferenças significativas entre os valores médios, que podem ser visualizados para ambos os grupos de variável nominal dicotómica. Desta forma, o teste coloca as seguintes hipóteses:

H_0 - Não existe diferença entre a média das variáveis quantitativas, para cada um dos grupos da variável dicotômica.

H_1 - Existe diferença entre a média das variáveis quantitativas, para cada um dos grupos da variável dicotômica.

Quando o valor do teste é superior 5% aceita-se a hipótese nula e refuta-se a hipótese alternativa, ou seja, existem diferenças entre os dois grupos. Quando o valor do teste é inferior a 5% rejeita-se a hipótese nula e aceita-se a hipótese alternativa, isto é, não existem diferenças entre os dois grupos. Assim, para verificarmos o nível de influência da avaliação na motivação, considera-se maior influência quanto menor a for a média obtida, pois a concordância é maior.

3. Apresentação e Discussão dos Resultados

Para o estudo, o resultado do teste de Alpha de Cronbach foi de .889, logo a consistência interna é considerada boa.

Na Tabela 1, apresentam-se os resultados da comparação entre os anos de escolaridade, referentes à avaliação de EF. Relativamente à importância da avaliação de EF verifica-se que ambos os níveis de escolaridade praticam as aulas porque se encontram motivados para a prática desportiva e concordam que a avaliação da disciplina aumenta o seu interesse. Já no que diz respeito à influência da nota na média final de secundário, o 10º ano discorda com esta afirmação, enquanto o 12º ano concorda com a mesma. Esta afirmação vai de encontro com a legislação em vigor desde o início do ano letivo, a avaliação da disciplina de EF já não vai influenciar a média final do ensino secundário, para os alunos do 10º ano. Analisando o facto de a avaliação não influenciar a média final do secundário, verifica-se que tanto o 10º ano como o 12º ano apresentam o mesmo grau de concordância nos parâmetros da preocupação com a classificação final da disciplina, no constante empenho e na preocupação em aprender. Denota-se que existe uma discordância coincidente entre os diferentes anos relativamente ao desinteresse para com a transmissão de conteúdos por parte do professor. Identifica-se uma discrepância na escolha das seguintes respostas: “a minha motivação diminui”, “desvalorizo a disciplina” e “desvalorizo as modalidades que não gosto”, em que os alunos 10º ano discordam, enquanto os de 12º ano demonstram o seu grau efetivo de concordância. Sem o fator motivação, nas aulas de EF os alunos não realizarão as tarefas propostas ou irão realizá-las mal, sendo a motivação em geral a responsável (Gouveia, 2007). Analisando os resultados obtidos no que toca à motivação intrínseca e extrínseca, verifica-se que, os valores da motivação intrínseca apresentam maior concordância que os da motivação extrínseca e comparando os diferentes anos, no geral, os alunos de 12º ano apresentam maior motivação intrínseca e extrínseca que os do 10º ano.

Tabela 4 - Resultados da comparação entre anos de escolaridade, referente à avaliação de EF

Avaliação de Educação Física,		N	Média	D. padrão	Teste t	p
É importante porque:						
Tem influência na média final do secundário	10º ano	90	3,8182	1,53741	5,254	,000
	12º ano	93	1,7273	,76730		
Motiva-me para a prática desportiva	10º ano	90	1,9091	1,13618	-,135	,894
	12º ano	93	1,9545	,78542		
Está presente na área de estudos que quero seguir	10º ano	90	3,7273	1,34840	-,404	,689
	12º ano	93	3,9091	1,15095		
Aumenta o meu interesse.	10º ano	90	2,8182	1,32802	1,587	,123
	12º ano	93	2,2273	,81251		
Não influencia a média final de Secundário:						
A minha motivação diminui	10º ano	90	3,5455	1,12815	1,958	,059
	12º ano	93	2,5909	1,40269		
Desvalorizo a Disciplina	10º ano	90	3,2727	1,42063	,957	,346
	12º ano	93	2,7727	1,41192		
Preocupo-me com a classificação final da disciplina	10º ano	90	2,9091	1,22103	1,610	,118
	12º ano	93	2,2273	1,10978		
O meu empenho é o mesmo	10º ano	90	2,7273	1,19087	,425	,674
	12º ano	93	2,5455	1,14340		
Preocupo-me em aprender	10º ano	90	2,4545	1,12815	,463	,647
	12º ano	93	2,2727	1,03196		
Desvalorizo as modalidades que não gosto	10º ano	90	3,3636	1,20605	1,650	,109
	12º ano	93	2,5909	1,29685		
Não dou importância ao que transmite o professor	10º ano	90	3,9091	1,13618	1,688	,101
	12º ano	93	3,1818	1,18065		

Na Tabela 2, pode constatar-se que entre os géneros do mesmo ano, o nível de resposta é idêntico. Por exemplo, no que diz respeito à importância da avaliação de EF ter influência na média final do secundário, os géneros feminino e masculino do 10º ano apresentam os valores de 3.43 e 3.87 de média, respetivamente, mostrando assim um mesmo grau de discordância, no entanto, ligeiramente superior no género masculino. Segundo Veiga (2009), durante o tempo que este trabalhou como professor de EF, concluiu que alguns alunos (género masculino e feminino) mostravam interesse em descobrir ou aprofundar as suas habilidades e conhecimentos acerca dos vários desportos, enquanto outros não se mostravam muito motivados a participar nas atividades propostas, para além destes, ainda distinguiu mais dois grupos, aqueles que apenas se mostravam preocupados com a obtenção de notas e aqueles que evidenciavam intenção em participar ou comparecer nas aulas o mínimo solicitado, de modo a garantir a sua aprovação.

Na análise da motivação extrínseca, na questão, “Não gosto das aulas de EF quando obtenho notas baixas”, os rapazes de 10º ano discordam e as raparigas concordam. O mesmo

acontece na questão “Participo nas aulas de EF porque preciso tirar boas notas”, os alunos de 10º ano discordam, mas os alunos do género masculino discordam mais.

Os resultados supracitados podem dever-se ao facto de os níveis de motivação intrínseca e extrínseca dos rapazes, de 10º ano, serem superiores aos níveis das mesmas nas raparigas do mesmo ano. A motivação intrínseca é, particularmente, a mais importante na EF pois corresponde ao grau que o aluno escolhe para realizar uma atividade com o seu próprio prazer, ao invés de qualquer recompensa extrínseca (Deci & Rian, 1985). São, assim, desejáveis altos níveis de motivação intrínseca pois só assim os alunos irão participar nas aulas sem qualquer influência de fatores externos, como as notas, o professor ou a participação forçada (Ntoumanis, 2001; Standage et al, 2003), enquanto se o ensino for baseado numa motivação extrínseca, esta desaparece assim que o aluno conseguir a recompensa desejada.

Tabela 5 - Resultados da comparação entre géneros, referente à avaliação de EF

Avaliação de Educação Física,		N	Média	D. padrão	Teste t	p
É importante porque:						
10º	Feminino	41	3,4390	1,54998	-1,370	,174
	Masculino	49	3,8776	1,48089		
12º	Feminino	59	1,6271	,71675	1,508	,135
	Masculino	34	1,4118	,55692		
10º	Feminino	41	1,8293	,97217	-,358	,721
	Masculino	49	1,8980	,84767		
12º	Feminino	59	1,8475	,71471	-,921	,359
	Masculino	34	2,0294	1,19304		
10º	Feminino	41	3,7805	1,17286	2,129	,036
	Masculino	49	3,1837	1,43865		
12º	Feminino	59	3,8475	1,18632	,672	,503
	Masculino	34	3,6765	1,17346		
10º	Feminino	41	2,1951	1,07749	-,132	,895
	Masculino	49	2,2245	1,02602		
12º	Feminino	59	2,2881	,91068	,111	,911
	Masculino	34	2,2647	1,08177		
Não influencia a média final de Secundário:						
10º	Feminino	41	3,2927	1,30851	,091	,927
	Masculino	49	3,2653	1,49688		
12º	Feminino	59	2,9492	1,30548	,755	,452
	Masculino	34	2,7353	1,33278		
10º	Feminino	41	3,4634	1,34346	,123	,903
	Masculino	49	3,4286	1,33853		
12º	Feminino	59	3,2034	1,25643	,700	,486
	Masculino	34	3,0000	1,49747		
10º	Feminino	41	2,2439	1,04356	-,749	,456
	Masculino	49	2,4286	1,25831		
12º	Feminino	59	2,5085	1,02340	,613	,542
	Masculino	34	2,3529	1,41169		
10º	Feminino	41	2,2439	,96903	-	,239
	Masculino	49	2,5510	1,40032		
12º	Feminino	59	2,4068	1,00204	-,146	,884
	Masculino	34	2,4412	1,23561		
10º	Feminino	41	2,0488	,83520	-,883	,380
	Masculino	49	2,2449	1,19949		
12º	Feminino	59	2,1864	,81947	-	,136
	Masculino	34	2,5000	1,18705		
10º	Feminino	41	3,1707	,99756	-,834	,407
	Masculino	49	3,3673	1,20232		

De acordo com a Tabela 3, quanto à importância da avaliação da EF, no que diz respeito à área científica, existe uma conformidade nas respostas em análise, subsistindo uma concordância quanto à motivação para a prática desportiva e ao aumento de interesse para com a disciplina. Relativamente à influência da avaliação na média final do secundário, verifica-se que dentro de cada área há divergências entre os níveis de escolaridade, sendo que o 10º ano discorda desta afirmação, contrariamente ao 12º ano.

No que diz respeito à influência da avaliação na média final de secundário, as áreas científicas discordam que a sua motivação diminuirá, à exceção do 12º LH e 12º AV. A maioria das áreas discorda com a desvalorização da disciplina se a avaliação não contar para a média final de secundário, à exceção do 10º LH e AV, 10º e 12º CT. Quanto às questões que foram aplicadas, “Preocupo-me com a classificação final da disciplina”, “O meu empenho é o mesmo” e “Preocupo-me em aprender” existe uma unanimidade nos resultados, já que todos os alunos das diferentes áreas analisadas concordam com as afirmações. Na desvalorização das modalidades que os alunos não gostam, só a turma 12º LH e 12º AV é que concordam com esta afirmação, encontrando-se as restantes áreas em desacordo. Mediante as três áreas de estudo, os alunos dos diferentes anos de escolaridade demonstram um mesmo consenso no seu desacordo relativamente a importância da transmissão de conhecimentos por parte do professor.

No que diz respeito à motivação extrínseca, os alunos da área de CT e AV, do 10º ano, apresentam maior discordância na questão, “Participo nas aulas de EF porque preciso tirar boas notas”. Na motivação intrínseca a área de AV apresenta discordância na questão, “Não gosto das aulas de EF quando exercito pouco o meu corpo”, o que faz entender que a atividade física praticada nas aulas e o bem-estar físico que esta transmite não os motiva para a prática.

Tal como as restantes disciplinas, a EF é também uma área de conhecimento onde o professor deve considerar ponto de vista dos alunos, os significados e valores que estes vinculam às várias atividades do ensino. É, portanto, imprescindível a participação do aluno nesta, pois este interfere bastante no desenvolvimento da aula. Deste modo, conhecendo ou identificando os motivos para a prática, poderá auxiliar no desenvolvimento do aluno e, também, do professor, no desenvolvimento da aula.

Tabela 6 - Resultados da comparação entre áreas científicas, referente à avaliação de EF

Avaliação de Educação Física,		N	Média	D. padrão	Teste t	p
É importante porque:						
	LH	10º 11	3,8182	1,53741	5,254	,000
		12º 22	1,7273	,76730		
Tem influência na média final do secundário	CT	10º 59	3,5763	1,57790	8,923	,000
		12º 55	1,5273	,66261		
	AV	10º 20	3,9000	1,37267	6,980	,000
		12º 16	1,3750	,50000		
	LH	10º 11	1,9091	1,13618	-,135	,894
		12º 22	1,9545	,78542		
Motiva-me para a prática desportiva	CT	10º 60	1,9322	,82763	1,305	,195
		12º 56	1,7273	,84885		
	AV	10º 20	1,6500	,98809	-	,020
		12º 16	2,5000	1,09545		
	LH	10º 11	3,7273	1,34840	-,404	,689
		12º 22	3,9091	1,15095		
Está presente na área de estudos que quero seguir	CT	10º 60	3,2542	1,48083	-	,077
		12º 56	3,7091	1,21217		
	AV	10º 20	3,9000	,71818	,080	,937
		12º 16	3,8750	1,14746		
	LH	10º 11	2,8182	1,32802	1,587	,123
		12º 22	2,2273	,81251		
Aumenta o meu interesse.	CT	10º 60	2,1017	,97724	-,534	,595
		12º 56	2,2000	,98883		
	AV	10º 20	2,2000	1,00525	-	,233
		12º 16	2,6250	1,08781		
Não influencia a média final de Secundário:						
	LH	10º 11	3,5455	1,12815	1,958	,059
		12º 22	2,5909	1,40269		
A minha motivação diminui	CT	10º 60	3,2203	1,41504	,297	,767
		12º 56	3,1455	1,26810		
	AV	10º 20	3,3000	1,55935	2,119	,041
		12º 16	2,3125	1,13835		
	LH	10º 11	3,2727	1,42063	,957	,346
		12º 22	2,7727	1,41192		
Desvalorizo a Disciplina	CT	10º 60	3,3559	1,34885	-,253	,801
		12º 56	3,4182	1,27208		
	AV	10º 20	3,8000	1,23969	2,756	,009
		12º 16	2,6250	1,31022		

Preocupo-me com a classificação final da disciplina	LH	10º	11	2,9091	1,22103	1,610	,118
		12º	22	2,2273	1,10978		
	CT	10º	60	2,3051	1,20708	-,352	,725
		12º	56	2,3818	1,11373		
	AV	10º	20	2,1500	,93330	-	,034
		12º	16	3,0000	1,36626	2,214	
O meu empenho é o mesmo	LH	10º	11	2,7273	1,19087	,425	,674
		12º	22	2,5455	1,14340		
	CT	10º	60	2,2542	1,24004	-,001	,999
		12º	56	2,2545	1,07528		
	AV	10º	20	2,7000	1,17429	-,307	,761
		12º	16	2,8125	,98107		
Preocupo-me em aprender	LH	10º	11	2,4545	1,12815	,463	,647
		12º	22	2,2727	1,03196		
	CT	10º	60	2,1525	1,12669	-,152	,879
		12º	56	2,1818	,90453		
	AV	10º	20	2,0000	,72548	-	,017
		12º	16	2,7500	1,06458	2,509	
Desvalorizo as modalidades que não gosto	LH	10º	11	3,3636	1,20605	1,650	,109
		12º	22	2,5909	1,29685		
	CT	10º	60	3,2034	1,17120	,915	,362
		12º	56	3,0000	1,20185		
	AV	10º	20	3,4500	,88704	4,004	,000
		12º	16	2,3125	,79320		
Não dou importância ao que transmite o professor	LH	10º	11	3,9091	1,13618	1,688	,101
		12º	22	3,1818	1,18065		
	CT	10º	60	3,6949	1,26292	,359	,720
		12º	56	3,6182	,99053		
	AV	10º	20	4,1000	1,02084	2,826	,008
		12º	16	3,0000	1,31656		

Este estudo foi realizado a alunos do 10º e 12º ano do Agrupamento de Escolas da cidade do Fundão, pertencente ao distrito de Castelo Branco, esta possui características inerentes e diferentes das restantes zonas do país. Por isto, pensa-se que os resultados poderão ser diferentes nas restantes zonas nacionais, pois, sendo esta uma região mais rural, onde existem diferentes condições ambientais, materiais e humanas, não será correto proceder à generalização dos resultados, sendo que, assim, o estudo não terá validade externa.

Inicialmente, tinha sido idealizado abranger este estudo a mais escolas pertencentes ao distrito de Castelo Branco, permitindo, assim, uma maior amostra. Isto iria permitir uma análise mais aprofundada deste tema. No entanto, surgiram controvérsias não só acerca das autorizações - em conformidade com a direção da escola decidiu-se não as distribuir -, mas também no que diz respeito à aplicação dos questionários em escolas às quais os investigadores não possuíam acesso direto. Dito isto, a população amostral deste estudo é reduzida, o que impede que se possam generalizar conclusões.

Com o decorrer do estudo denotou-se que o número de amostras não era proporcional, ou seja, que os números de amostras por variável apresentavam diferenças significativas, impedindo, assim, que fosse possível de retirar resultados mais conclusivos.

4. Conclusões

O intuito deste estudo foi verificar qual a influência da avaliação na motivação dos alunos nas aulas de EF, diferenciando os anos de escolaridade em estudo, 10º e 12º ano, os géneros, feminino e masculino, e as áreas científicas, LH, CT e AV.

Na primeira hipótese - existem diferenças significativas na influência da avaliação na motivação entre alunos do 10º e 12º ano de escolaridade - pode verificar-se que os alunos do 10º ano assumem que a avaliação não tem influência na média final de secundário, contrariamente ao 12º ano. No entanto, os alunos do 10º ano apresentam níveis positivos de motivação para a prática desportiva, no respeito ao professor e à disciplina, tal como o 12º ano. Isto pode dever-se aos níveis positivos de concordância nas questões de motivação intrínseca e extrínseca. Assim, conclui-se que, embora os alunos do 10º ano, que já se encontram dentro da nova legislação, não assumam que a avaliação seja importante, continuam motivados para a prática, refutando-se assim esta hipótese.

Na segunda hipótese - existem diferenças significativas na influência da avaliação entre alunos do género feminino e do género masculino, do 10º e 12º ano - pode observar-se que tanto o género feminino como o género masculino apresentam graus de concordância ou discordância muito idênticos, isto é, não se verificam quaisquer diferenças significativas. No entanto, nos graus de motivação intrínseca e extrínseca os rapazes apresentam níveis de motivação um pouco superiores às raparigas, o que pode justificar algumas das opções tomadas nas questões da avaliação de EF. Deste modo, a hipótese é refutada.

Na terceira hipótese - existem diferenças significativas na influência da avaliação entre as diferentes áreas científicas do 10º e 12º ano - pode constatar-se que não existem diferenças significativas na concordância e discordância das questões. Pode concluir-se, então, que a hipótese inicial é refutável. No entanto, em algumas questões pode verificar-se diferenças na concordância entre as áreas LH e AV em relação à área de CT. Isto pode dever-se ao facto dessa área, ao abranger um maior número de opções futuras, sendo uma delas, as Ciências do Desporto, influenciar positivamente as escolhas nas respostas.

Tais conclusões deixam bem claro que, mesmo com a nova legislação, a motivação e o interesse dos alunos nas aulas de EF não diminui. Isto prova que os alunos têm mais consciência do valor da disciplina do que os membros de estado que apoiaram e legislaram a opção da avaliação de EF deixar de contar para a média final de secundário.

5. Referências Bibliográficas

Coakley, J., & White, A. (1992). Making decisions: Gender and sport participation among British adolescents. *Sociology of Sport Journal*, 9, 20-35.

Deci, E.L., & Ryan, R.M. (1985). Intrinsic motivation and self-determination in human behavior. New York: Plenum Press.

Ferreira, J. P. O. C. (2005). A importância da motivação nas aulas de educação física: estudo com alunos do 2º ciclo do ensino básico. Departamento Ciências do Desporto. Covilhã, Universidade da Beira Interior. 2º.

Kobal, M. C. (1996). *Motivação Intrínseca e Extrínseca nas Aulas de Educação Física*. Campinas-SP. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas.

Maroco, J (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª ed.). Lisboa: Edições sílabo.

Ntoumanis N., A self-determination approach to the understanding of motivation in physical education. *Brit J Educ Psychol*, 2001, 71, 225-242.

Ryan R.M., Deci E.L., Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. *Am Psychol*, 2000, 55(1), 68-78.DOI: 10.1037/0003-066X.55.1.68.

Silverman, S. (1991). Research on teaching in physical education. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 64, 352-364.

Soares, J. (2013). *O desporto nas crianças. O papel da escola*, disponível em <http://www.josesoares.pt/2013/04/o-desporto-nas-criancas-o-papel-da.html>

Standage M, Duda J.L., Ntoumanis N., A model of contextual motivation in physical education: Using constructs from selfdetermination and achievement goal theories to predict physical activity intentions. *J Educ Psychol*, 2003, 95(1), 97-110.

Vallerand, R. J., & Fortier, M. S. (1998). Measures of intrinsic and extrinsic motivation in sport and physical activity: A review and critique. In J. L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 81-101). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.

Vallerand R.J., Rousseau F.L., Intrinsic and extrinsic motivation in sport and exercise: A review using the hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. In: Singer R.N., Hausenblas H.A., Janelle C.M. (eds.), *Handbook of sport psychology*, 2nd Ed. John Wiley & Sons, New York 2001, 389-416.

Veiga, O. (2009). *Percepção e Motivação dos alunos Adolescentes para as aulas de Educação Física*, Hamburgo.

Anexos